

A HORA, A VEZ E A VOZ DAS MARGENS

THE TIME AND THE VOICE OF THE MARGINS

Beatriz dos Santos Damasceno¹

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
damasceno.s.beatriz@gmail.com

Recebido em 5 out. 2018

Aceito em 21 nov. 2018

Resumo: Este artigo reflete sobre a trajetória das personagens marginais da literatura brasileira, por meio da observação do processo de deslocamento da voz do narrador da terceira para primeira pessoa do discurso, numa caminhada de protagonismo da narrativa de suas histórias, contando-as, principalmente, do seu lugar de fala – que representa o fim da mediação da voz do outro e um caminho à autonomia das chamadas “minorias” no sentido de assumir a autoridade de contar por elas mesmas. Esse processo narrativo, que evidencia a voz da margem, transgride o próprio conceito do que é literário e provoca a teoria acadêmica, propondo reformulações de sentidos e trazendo novas formas de se conceber a literatura. Além disso, promove uma desestabilização dos discursos sempre dominantes. Diante desse desafio, é importante atentar para as novas ideias, para as releituras, para as ressignificações que se impõem, e acreditar que as vozes plurais são a nossa cultura. É chegada a hora de entender o Brasil a partir de outros focos e conceber, como afirma o professor João Camillo Penna, “um Brasil capaz de colocar em seu centro a margem, e de pensar a si mesmo a partir dela” (PENNA, 2015, p. 68). A literatura certamente já vem traçando esse caminho.

Palavras-chave: Voz. Literatura. Margem. Lugar de fala.

Abstract: This article reflects on the trajectory of the marginal characters of Brazilian literature, through the observation of the process of shifting the voice of the narrator from the third to the first person of the discourse, in a journey of protagonism of the narrative of their stories, telling them, mainly, from their place of speech – which represents the end of the mediation in the voice of the other and a path to the autonomy of the so-called “minorities” in order to take over the authority of telling their stories themselves. This narrative process, which gives evidence to the voice of the people on the margins, transgresses the very concept of what is literary and provokes academic theory, bringing forward revisions of meanings and new ways of conceiving literature. Moreover, it fosters a destabilization of the usual dominant discourses. Faced with this challenge, it is important to consider the new ideas, re-readings and the re-significances imposed, and believe that plural voices are our culture. It’s time we understood Brazil from a different focus and, as stated by Professor João Camillo Penna, to conceive “Brazil as capable of putting its margins at its center and thinking of itself from them” (PENNA, 2015, p. 68). Literature has certainly already been tracing this path.

Keywords: Voice. Literature. Margins. Place of Speech.

O *lugar de fala*, conceito muito discutido (RIBEIRO, 2017) e de ainda tão necessária ampliação de entendimento, instiga uma série de reflexões em diversas áreas do saber. Primeiro, porque provoca uma desestabilização dos discursos sempre dominantes, depois porque promove um deslocamento de vozes, ou seja, a voz que não se ouvia assume o poder de dizer por ela mesma. Dessa forma, entenderemos aqui o lugar de fala como aquele que representa o fim da mediação da voz do outro e um caminho à autonomia das minorias assumindo o protagonismo de suas histórias.

Aqui, interessa-nos observar esse processo pelo viés da literatura, em que a margem sempre foi tema na figura do malandro, do retirante nordestino, dos meninos de rua, dos moradores dos cortiços - personagens clássicos que elencam as nossas artes -, e perceber a partir de quando essas personagens tão ricas e densas deixaram de ser contadas e, por elas mesmas, assumiram a pena e narraram a vida de seus próprios lugares.

Traçando um caminho por obras que marcam personagens de margem, é notória a força do sertanejo em *Os sertões* de Euclides da Cunha, obra publicada em 1902, que registra o massacre de Canudos. O narrador em terceira pessoa, ainda que absorvido pelas questões de purezas raciais de seu tempo, conta e denuncia as mazelas dos marcados pela destruição e invisibilidade, e afirma: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1995, p. 179). Sob o jugo da feiura, do jeito desengonçado, torto, enviesado emerge um “Hércules-Quasímodo”, potente e capaz de suportar as maiores adversidades. É assim, pela observação do outro, que se conhece o sertanejo.

Outra obra-prima de nossa literatura é *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, publicado em 1938. O protagonista Fabiano é um homem rude, um retirante violentamente castigado, e, a despeito disso, é um homem carregado de afetos. Ele sabe que precisa ser tatu, casca grossa, para aguentar as durezas da vida, mas sonha, se afeta e se revolta com a aspereza dos poderosos, dos injustos. O narrador é onisciente e se vale do discurso indireto livre para apresentar os pensamentos e sentimentos da personagem. O conflituoso Fabiano, na luta para se libertar da seca com a família e para se posicionar no mundo, oscilava entre ser homem e bicho. Em um dos momentos de embate interior, preocupado com os filhos, com a necessidade de pensar na sobrevivência, reflete:

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus [...]. Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da Bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. (RAMOS, 1956, p. 24)

Segundo Fabiano, apenas livres do perigo os meninos poderiam falar, antes havia a luta pela sobrevivência. E os perigos, certamente, não estavam somente na

seca, mas na dureza dos dominadores, porque ele também sabia que era devorado pela injustiça. Nas contas com o patrão, oscila, enfrentando-o e cedendo às matemáticas injustas.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passara vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. (RAMOS, 1956, p. 93)

A obra de Graciliano traz uma reflexão sobre a dificuldade de se assumir a própria voz num ambiente hostil, onde dominadores cerceiam a capacidade dos subordinados e apresenta, em cada personagem, a face da opressão e da dor. As personagens falam pouco, emitem sons guturais, são monossilábicas, secas de palavra ante tamanha dificuldade, até o papagaio era mudo, resultado do silêncio familiar. Por isso, Sinha Vitória:

Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra. (RAMOS, 1956, p. 11)

É possível entender que a voz do dominado só poderá emergir pelo caminho da transgressão. Será necessário violar regras e contrariar expectativas para que a margem possa falar. Nesse sentido, vale ressaltar a genialidade do escritor Guimarães Rosa que, em *Grande sertão: Veredas*, romance de 1956, traz as maiores reflexões sobre os conflitos da dimensão humana pela voz ontológica de um jagunço. Riobaldo, já “aposentado” dos bandos e em momento de “range rede”, conta sua história com propriedade, apreciando as relações entre o homem e o mundo, a realidade e o devaneio, o mundano e o divino.

Um narrador em primeira pessoa autônomo, protagonista, contando suas andanças e escolhas para um interlocutor cidadão que nunca interfere na sua fala. Aquela personagem não precisava de que alguém dissesse por ela, e, com autoridade, procurava entender as suas ações e sentimentos. Riobaldo, ser jagunço, ser de margem, tem a capacidade de contar a própria história e está entre as

personagens mais imponentes de nossa literatura, metaforizando o sertão, desvelando a vida: “[...] O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 2001, p. 334).

Mas é em *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, publicado em 1960, que temos a maior transgressão e potência da voz oprimida, porque é o relato da vida cruel dos moradores da favela pelo olhar de quem vive nela. O livro é marco na história da literatura e está entre os mais estudados, atualmente, dentre os gêneros das escritas de si.

Carolina Maria de Jesus foi moradora da favela de Canindé em São Paulo, mulher negra, catadora de papel, mãe solteira, com apenas dois anos de escolaridade. A escritora deixou registradas, num belo texto, as peripécias de viver numa favela, registrou a dor da fome e a força possível de se construir e sonhar mesmo sob o cunho da desigualdade brasileira. Carolina foi uma escritora de olhar sensível e sensato:

13 de maio

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. ...Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes [...] Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. [...] Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome. (JESUS, 2007, p. 32)

A narrativa em diário revelou a escritora pronta dentro da favela, que registrava a vida nos blocos e cadernos velhos encontrados no lixo que remexia. Existia em Carolina uma vigorosa mulher protagonista de sua história, consciente do espaço de despejo em que vivia e de que, apesar disso, deveriam ela e os filhos se manter dignos de humanidade.

...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2007, p. 38)

A partir da releitura de sua obra, faz-se necessário dar à escritora o merecido lugar de destaque. Principalmente, desvencilhando-a do preconceito das formas engessadas de pensar o literário e da maneira hermética com que se atrela a norma culta à correção, destituindo de valor tudo que foge às regras gramaticais, tudo isso fez com que Carolina de Jesus atraísse a curiosidade dos olhares porque era uma “favelada” que escrevia, “exótica” Carolina. Mas ela transgride porque se sabia escritora, contrariando os preceitos para se assumir como poeta: “...os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (JESUS, 2007, p. 40). De seu lugar, deixa registrada, por meio de metáforas surpreendentes, a realidade em que vivia:

...A comida no estômago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. Meu corpo deixou de pesar. [...] Eu tinha a impressão que eu deslisava no espaço. Comecei a sorrir como se eu estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida. (JESUS, 2007, p. 45-46)

Carolina Maria de Jesus é um ícone na caminhada de emergência das vozes de margem. Referência em nossa literatura contemporânea, é, a partir dela, que assistimos à ascensão de uma literatura produzida por autores da periferia num processo cada vez mais coletivo, com mais consciência da necessidade da expansão da voz literária como um projeto de visibilidade.

A literatura marginal emerge no final do século XX marcada por obras de impactante realismo nos relatos autobiográficos, contos e romances contados pelas vozes que conhecem verdadeiramente esses espaços de margens, como as favelas, os presídios, o lado sombrio das ruas. Essa é uma grande diferença, pois a maior parte dos escritores que trouxeram para suas páginas os marginais e marginalizados da sociedade não pertenciam a esse lugar de margem. Como afirma a professora Rejane Pivetta de Oliveira, em seu artigo *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*, em relação aos escritores da periferia: “os quais transformam tanto o foco da representação da vida marginal, como conferem um novo ethos à produção literária e cultural, apresentando-se como uma resposta aos discursos daqueles que falam no lugar dos marginalizados” (OLIVEIRA, 2011, p. 33). Nesse cenário, surge Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz, escritor que declara guerra pelo lugar de fala na

literatura. Assim inicia seu *Terrorismo literário*: “A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós. [...]. Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca! Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve. (FERRÉZ, 2005, p. 9)

O escritor e rapper Ferréz, nascido e criado em Capão Redondo, um dos bairros mais violentos e degradados da cidade de São Paulo, organiza, em um número especial na revista *Caros Amigos*, uma edição chamada “*Literatura marginal: a cultura da periferia*”, que reúne contos de escritores advindos das comunidades, o projeto mais tarde torna-se livro. Na apresentação, denominada *Manifesto de abertura: Terrorismo literário*, afirma, como uma advertência ao leitor:

Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto [...]. Somos mais, somos aquele que faz a cultura [...] Sabe de uma coisa, o mais louco é que não precisamos de sua legitimação, porque não batemos na porta para alguém abrir, nós arrombamos a porta e entramos [...]. Estamos na rua loco, estamos na favela, no campo, no bar, nos viadutos, e somos marginais, mas antes somos literatura, e isso vocês podem negar, podem fechar os olhos, virarem as costas, mas como já disse, continuaremos aqui, assim como o muro social invisível que divide o país. O significado do que colocamos em suas mãos hoje, é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi visto por centenas de escritores marginalizados desse país. Ao contrário do bandeirante que avançou com as mãos sujas de sangue nosso território, e arrancou a fé verdadeira, doutrinando nossos antepassados índios, ao contrário dos senhores das casas grandes que escravizaram nossos irmãos africanos e tentaram dominar e apagar toda a cultura de um povo massacrado, mas não derrotado. (FÉRREZ, 2005, p. 9-11)

Este deslocamento e autoridade da voz marginal provocou uma reflexão quanto às questões literárias do texto e quanto à recepção dessas obras. Mais do que antes, o literário já em conflito pela convivência da arte na cultura de mercadoria, observa uma nova produção que entra no mercado aproveitando-se dele.

O grito soa alto e sem problemas para os escritores porque diferentemente da “literatura marginal dos anos 1970”, que tinha o propósito de estar desvinculada das editoras, negando a repressão, os escritores de periferia querem ser vistos, eles não são imaculados às questões de mídia e editoração. Em *Capão pecado*, primeiro romance que escreveu, Ferréz abre o livro com a seguinte advertência: “Querido sistema, você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa” (FERRÉZ, 2005). As narrativas de periferia ganham o mercado editorial, conquistando espaços na mídia.

Narrar histórias sempre contagiou, entretanto quando personagens que nunca tiveram a vez de dizer por elas mesmas assumiram esse poder, trouxeram à tona uma série de outras provocações. A primeira delas foi a consumação da força cultural e afetiva que existe dentro das comunidades e dos meios considerados “de menor importância” na sociedade; a outra foi a efetivação de uma literatura que transgride o próprio conceito do que é literário, forçando a teoria acadêmica a reformular conceitos arcaicos e classicizantes. Até hoje, é ainda possível observar a quantidade de teóricos ou até mesmo leitores que, infelizmente, questionam se é arte a expressão nascida da camada mais popular da sociedade. Em uma entrevista à Revista Época, o crítico e professor da UERJ, João César de Castro Rocha, pontua claramente a questão:

Eu não posso ler esses escritores com um instrumental teórico criado há mais de 30 anos, nas universidades. O que eles estão propondo e o que estão fazendo é algo realmente novo. Ou eu aceito o desafio de tentar dizer algo de inteligente sobre o que estão produzindo ou eu teria a falsa inteligência de alguns acadêmicos, colegas meus, que têm um discurso pronto para tudo. Aí você pergunta: mas você leu Paulo Lins, você leu o Ferréz? E respondem: “Ah, isso não, porque não é alta literatura”. Se eles não querem ler Paulo Lins e Ferréz é uma opção que eu respeito. Mas então fiquem calados. (ROCHA, 2007)

Os textos de Ferréz estão a meio caminho entre a narrativa literária e o relato autobiográfico porque os protagonistas de seus livros são inspirados em personagens reais: amigos, conhecidos. Há assim uma proximidade entre o narrador, o autor e as personagens: todos são da periferia social, econômica e política das cidades brasileiras. E é ainda em relação a essa proximidade entre o discurso ficcional e vivido que reside o grande problema da literatura marginal: o desafio de se desvencilhar de um mercado que deseja a todo custo que o escritor da periferia não se afaste da narrativa testemunhal de seus lugares de conflito. A literatura de periferia busca visibilidade, mas muitas vezes também é refém do jogo mercadológico.

Outra transgressão e quebra de expectativa desta literatura está no caráter da deglutição da chamada “alta cultura”. Ferréz, por exemplo, acredita que as fronteiras podem ser cruzadas e não rejeita o cânone, pelo contrário, ele quer o que é bom, e inclui a sua arte neste lugar. Ele é um escritor que se faz de todos os espaços e não somente daquele em que nasceu. Para ele, não há determinismo. Em entrevista para o site *Canto dos Livros*, em 2011, ele afirma:

CL: Quais autores e obras você acha fundamentais para uma boa formação cultural?

F: Vixi, vou dizer o que serviu pra mim: Hermann Hesse, Bukowski, Dante, Tchekhov, Flaubert, João Antônio e Plínio Marcos.

Ferréz desliza pelos chamados cânones e margens da literatura, não se intimida, busca novos espaços, difunde o que é dele, valoriza o que considera bom para si e procura traçar o seu caminho de escritor que participa tanto das rodas de rap do gueto quanto escreve para revistas e jornais mais midiáticos ou frequenta qualquer espaço considerado cult do país. Ele mesmo se legitima como uma voz de todos os lugares.

Por se tratar de um processo extremamente transgressor, o escritor já se deparou com situações difíceis e polêmicas, certamente, no sentido de provocar os discursos estabelecidos e promover debates. Foi assim em outubro de 2007, quando saiu o artigo de opinião da Folha de São Paulo, *Pensamentos quase póstumos*, trazendo o desabafo de Luciano Huck a respeito do assalto que sofreu na cidade. O apresentador estava desolado com a insegurança, assustado com a violência:

Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma inocente criança. Uma jovem viúva. Uma família destroçada. Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio.

Por quê? Por causa de um relógio.

Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado.

Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades. O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia. O lugar deles é na cadeia.

Agora, como cidadão paulistano, fico revoltado. Juro que pago todos os meus impostos, uma fortuna. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa. [...]

Desculpem o desabafo, mas, hoje amanheci um cidadão envergonhado de ser paulistano, um brasileiro humilhado por um calibre 38 e um homem que correu o risco de não ver os seus filhos crescerem por causa de um relógio.

Isso não está certo. (HUCK, out. 2007)

Aproveitando o espaço que também conquistou no jornal, Ferréz não responde diretamente ao apresentador, mas publica, uma semana depois, uma resposta literária: um conto chamado *Pensamento de um correria*, termo de referência a adolescentes que vivem de pequenos furtos, e, com isso, provoca reações sérias na mídia. Ele muda o foco e conta a narrativa por outro ângulo, em plena intertextualidade com o apresentador, e em contraponto a ideias do que seria a real violência e a verdadeira agressão. O escritor foi acusado de glamourizar o roubo e de fazer apologia ao crime. Vale a pena a transcrição de longo trecho do conto:

Leu em algum lugar que São Paulo está ficando indefensável, mas não sabia o que queriam dizer, defesa de quem? Parece assunto de guerra. Não acreditava em heróis, isso não! Nunca gostou do super-homem nem de nenhum desses caras americanos, preferia respeitar os malandros mais velhos que moravam no seu bairro, o exemplo é aquele ali e pronto. Tomava tapa na cara do seu padrasto, tomava tapa na cara dos policiais, mas nunca deu tapa na cara de nenhuma das suas vítimas. Ou matava logo ou saía fora. Era da seguinte opinião: nunca iria num programa de auditório se humilhar perante milhões de brasileiros, se equilibrando numa tábua pra ganhar o suficiente pra cobrir as dívidas, isso nunca faria, um homem de verdade não pode ser medido por isso.

A hora estava se aproximando, tinha um braço ali vacilando. Se perguntava como alguém pode usar no braço algo que dá pra comprar várias casas na sua quebrada. Tantas pessoas que conheceu que trabalharam a vida inteira sendo babá de meninos mimados, fazendo a comida deles, cuidando da segurança e limpeza deles e, no final, ficaram velhas, morreram e nunca puderam fazer o mesmo por seus filhos! Estava decidido, iria vender o relógio e ficaria de boa talvez por alguns meses. O cara pra quem venderia poderia usar o relógio e se sentir como o apresentador feliz que sempre está cercado de mulheres seminuas em seu programa. Se o assalto não desse certo, talvez cadeira de rodas, prisão ou caixão, não teria como recorrer ao seguro nem teria segunda chance. O correria decidiu agir. Passou, parou, intimou, levou.

No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio. Não vejo motivo pra reclamação, afinal, num mundo indefensável, até que o rolo foi justo pra ambas as partes. (FERRÉZ, out. 2007)

O texto é um incômodo para a sociedade porque traz a voz do infrator. Assim como em alguns contos do escritor Rubem Fonseca, os quais trazem a ótica do marginal urbano fincada na raiva de não ser visto e indignada com a mordomia das classes privilegiadas que só tem a noção do mundo a partir de sua própria realidade. Naquele caso, entretanto, as personagens estavam diretamente associadas ao real acontecimento.

Em relação ao tema, podemos perceber as inúmeras obras neorrealistas que a partir dos anos 2000, tanto na literatura quanto no cinema, trouxeram as traumáticas, desafiadoras e ricas experiências da vida dos guetos e das comunidades, espaços marcados pela invisibilidade ou pelo olhar hostil e cheio de descaso da sociedade. Ferréz demarca o valor dado ao roubo de um Rolex em relação às injustiças sofridas diariamente pelos menos favorecidos da população brasileira.

O lugar de destaque dessa voz emergente é reforçado no livro lançado este ano pela Companhia das Letras chamado *O sol na cabeça*, do Geovani Martins. O jovem escritor participou de oficinas desenvolvidas nas comunidades e desponta como a nova voz do realismo da literatura brasileira. Em seu livro, composto por 13 contos, Martins traça, com uma surpreendente linguagem de escritor maduro, a realidade dos meninos e meninas que crescem no lado desfavorecido da cidade. Na apresentação

do livro, o escritor Antonio Prata ressalta: “Vai chegar o dia em que a orelha de um livro do Geovani Martins poderá ignorar o fato de que ele é um escritor nascido em Bangu e morador da Rocinha ou do Vidigal, porque Geovani Martins é um escritor, ponto”.

Espiral, segundo conto do livro, apresenta a narrativa impactante de um personagem morador de uma favela da Zona Sul. Ele tem a amarga percepção de que representa uma ameaça para as pessoas, sua aparência provoca medo. Um dia decide fazer desse sofrimento diário um jogo. Decide perseguir as pessoas, provocando-as definitivamente até o limite possível do incômodo.

Nunca esquecerei da minha primeira perseguição. Tudo começou do jeito que eu mais detestava: quando eu, de tão distraído, me assustava com o susto da pessoa, e, quando via, era eu o motivo, a ameaça. ...pra não xingar a velha que se incomodava de dividir comigo, e só comigo, o ponto do ônibus. No entanto, dessa vez, ao invés de sair de perto como sempre fazia, me aproximei. (MARTINS, 2018, p. 18)

A narrativa segue em escolher a pessoa para provocar esse espiral, ou seja, algum escolhido para ir dele se afastando e se aproximando, como num jogo, e de forma sutil experimentar o desespero da vítima por nada concreto, apenas pelo terror psicológico. Nisso, o escritor consegue mostrar a grande adversidade e a triste relação entre as pessoas que vivem na mesma cidade partida.

Ainda nesse viés da percepção do crescimento do espaço da minoria, vale também destacar a voz feminina que tem ecoado nos últimos anos, como a da poeta Conceição Evaristo. Com uma literatura profundamente marcada pela força da mulher e da ancestralidade brasileiras, é com coragem que Evaristo aborda em seus escritos o momento de basta para a voz da mulher negra reconhecida apenas pelo som de acalanto e de contação de histórias para brancos. Como ela mesma afirma num seminário: “A autoria das mulheres negras não é para adormecer os da casa-grande. Pelo contrário: é para incomodá-los nos seus sonos injustos.” A voz da negra é potencializada ao eco da sabedoria, da resistência e da força motora de liberdade, como nos respectivos versos dos poemas *Da calma e do silêncio* e *Vozes-mulheres*:

“Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,

quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.” (EVARISTO, 2008, p. 70)

“A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.” (EVARISTO, 2008, p. 27)

Os caminhos para a audição das vozes não ouvidas estão sendo trilhados e apesar dos obstáculos que surgem, pois os preconceitos e segregações ainda relutam em existir, não há volta. As margens já expuseram a força cultural e afetiva que carregam.

Hoje, é preciso reconhecer a importância das interseções dos espaços e das diversidades culturais. Desde a democratização pelo final dos anos 1980, nunca ficou tão evidente a preponderância das margens, que dizem definitivamente pela própria voz sem mediação. O escritor Evando Nascimento aborda essa clara característica em seu artigo *De quando a antropofagia é essencial*, no Suplemento literário Pernambuco (set. 2018), quando ressalta o processo da canibalização do autóctone em relação ao civilizado para promover a sua resistência:

A literatura indígena recente é um fato inédito na cultura etnocêntrica do país: o outro pela primeira vez conta sua história. Em vez do intelectual modernista, a alteridade de fato ‘canibaliza’ o civilizado, revertendo o sentido da História. Isso somente foi possível porque indivíduos provenientes de tribos foram alfabetizados na língua portuguesa, cada um com sua história singular: Daniel Munduruku, Kaká Werá Jecupé, Eliane Potiguara, entre outros. O mesmo tem acontecido com pessoas oriundas de comunidades periféricas, com negros que reivindicam dar seu testemunho via ficção e com mulheres que resolvem contar as relações de gênero sob o ângulo delas. Esse investimento na autoetnografia é muito bem-vindo e abre para outras perspectivas literárias e culturais, expandindo o conceito de literatura hoje. (NASCIMENTO, 2018, p. 21)

Desafiados pelas vozes da margem, é importante estarmos atentos para os novos conceitos, para as releituras, para as ressignificações que se impõem e acreditarmos que as vozes plurais são a nossa cultura. É hora de, como afirma o professor João Camillo Penna, sermos “um Brasil capaz de colocar em seu centro a

margem, e de pensar a si mesmo a partir dela” (PENNA, 2015, p. 68). A literatura certamente vem traçando esse caminho.

REFERÊNCIAS

CUNHA, E. da. Os sertões. *In*: COUTINHO, A. (org.). **Obra completa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

EVARISTO, C. Vozes-mulheres. *In*: EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. p. 27.

_____. Da calma e do silêncio. *In*: _____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. p. 70.

_____. Conceição Evaristo: ‘Falar sobre preconceito racial no Brasil é derrubar o mito de democracia racial’. **Sul 21**. 3 maio 2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>. Acesso em: 3 out. 2018.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. São Paulo: Agir, 2005.

_____. Terrorismo literário. *In*: FERRÉZ (org.) **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005. Disponível em: <https://googl/IVWvqG>. Acesso em: 1 out. 2018.

_____. Ferréz é o entrevistado do Provocações. **TV Brasil**. 1 ago. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/1IB2Wx>. Acesso em: 1 out. 2018.

_____. Literatura Marginal – uma entrevista com Ferréz por Rodrigo Casarin. **Blog Ferréz Escritor**. 28 jul. 2011. Disponível em: <http://blog.ferrezescritor.com.br/2011/07/entrevista.html>. Acesso em: 1 out. 2018.

_____. A revolução tem de ser feita, pela arte ou pelo terror. **Folha de S. Paulo**. 22 jul. 2000. Disponível em: <https://goo.gl/nK8Rqu>. Acesso em: 30 set. 2018.

_____. Pensamentos de um correria. **Folha de S. Paulo**. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0810200708.htm>. Acesso em: 30 set. 2018.

- HUCK, L. Pensamentos quase póstumos. **Folha de S. Paulo**. 1 out. 2007. Disponível em: <https://goo.gl/SZP1qa>. Acesso em: 30 set. 2018.
- JESUS, C. M. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2007.
- MARTINS, G. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- NASCIMENTO, E. De quando a antropofagia é essencial. **Suplemento Pernambuco**, Santo Amaro, n. 151, p. 18-21, set. 2018.
- OLIVEIRA, R. P. de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 31-39, jul./dez., 2011.
- PENNA, J. C. Jagunços, topologia, tipologia (Euclides e Rosa). In: FARIA, A.; PENNA, J. C.; TONANI, P. R. (org.). **Modos da margem**: Figurações da marginalidade na literatura brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- ROCHA, J. C. de C. Desafio ao malandro. **Época**, São Paulo, n. 487, 17 set. 2007. [S. p.]. Disponível em: <https://goo.gl/w9ywBH>. Acesso em: 30 set. 2018.
- ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SCHWARZ, R. **Os pobres da literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Sobre a autora

Beatriz dos Santos Damasceno

Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-Rio, com Pós-doutorado pela UFMG. Mestre em Literatura Comparada pela UERJ e com Especialização em Literatura infanto-juvenil pela UFF. Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira; a sua atuação acadêmica incide, prioritariamente, sobre os temas: leitura, escrita, memória e experiência.

